

Exportação, o caminho

O industrial José Mindlin é o chefe do Departamento de Comércio Exterior da Fiesp. Portanto, a figura mais credenciada, do ponto de vista do empresariado paulista, para falar a respeito das exportações brasileiras.

Ele começa falando da economia como um todo e se confessa "cautelosamente otimista" para 1982. Não acredita em uma reativação "sensível" da economia, mas acha que entramos em uma favorável etapa psicológica de estabilização, após sucessivos traumas este ano.

O que vai acontecer em 82? O repórter pergunta, Mindlin se pergunta e devolve a indagação ao reporter. O governo vai manter as restrições de crédito? — é uma das perguntas do empresário. Ele acha que, de qualquer forma, houve uma "necessária injeção de otimismo". Acredita, por exemplo, que não haverá uma nova onda de desemprego.

Mindlin nota fatores favoráveis no balanço de pagamentos, como a estabilização dos preços do petróleo e a baixa dos juros externos. Neste caso, lembra que a queda de 1 por cento corresponde, basicamente, a 500 milhões de dólares. Cita esse número para mostrar como é significativa uma baixa na base de 4 ou 5 por cento.

O industrial prevê, em 82, dificuldades iguais às de 81. Na parte de grandes porjetos internos exalta Itaipu, Carajás e Tucurui, mas levanta dúvidas quanto ao Programa Nuclear, a Açominas e a Ferrovia do Aço.

EXPORTAÇÕES

Mindlin não crê, sinceramente, que as exportações venham a crescer 30 por cento no próximo ano. Considera essa previsão "utópica". Prefere acreditar em 10 ou 15 por cento, no máximo, que pensa serem números satisfatórios.

O empresário está atento à recessão nos demais mercados, que gera uma

tendência protecionista. E acha que deveria ser reativado o programa de promoção comercial do Itamaraty, seguindo ele "tão bem conduzido" pelo embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima. Sabe que esse programa — principalmente na parte de feiras, que considera importante — sofreu cortes, por causa da crise econômica global.

ALTERNATIVAS

Mindlin acha que o governo e a iniciativa privada devem buscar alternativas para as exportações brasileiras. Uma das alternativas atraentes, na sua opinião, é o Leste Europeu. Outra é a China. Concorda que é importante que o industrial brasileiro passe a ter confiança nas ofertas do mercado socialista da Europa. Mas, para isso, lembra, é preciso que conheça os produtos desse mercado. E para esse conhecimento é indispensável maior intercâmbio.

A tendência natural é comprar em fornecedores tradicionais e confiáveis do ocidente. Cabe, então, um trabalho de conquista por parte dos órgãos estatais responsáveis pelo comércio exterior nos países socialistas da Europa. Eles precisam apresentar bons produtos a preços competitivos.

Mindlin dá razão ao ministro Saraiwa Guerreiro quando pretende utilizar melhor as potencialidades brasileiras junto a mercados até agora pouco explorados pelo Brasil, como a Ásia e o Caribe. Antes mesmo de assumir, o atual chanceler revelou que pretendia investir nesse sentido. Como Guerreiro, Mindlin conhece as dificuldades naturais de tal empreendimento. Ambos sabem que na Ásia a concorrência de Japão, Coréia do Sul e Formosa é muito grande. A proximidade geográfica é uma arma importante. Uma segunda arma, especialmente no caso japonês, é a capacidade para reduzir custos. O caso do carro japonês é um bom e atual exemplo.